

# A verdade restabelecida

Em sua edição de março (nº 37), o *Porantim* publicou, à página 7, uma matéria intitulada **Krahô - tensão. A culpa é de quem?** - para a qual o redator se baseou, principalmente, em notícias publicadas em alguns jornais, que traziam declarações do delegado da Funai em Goiânia, Ivan Baiocchi. A matéria, que, por descuido, não saiu assinada dando a entender, então, que traduzia a posição oficial do *Porantim* - contém, efetivamente, uma série de informações erradas, como erradas e falsas foram as declarações do delegado Ivan Baiocchi, a propósito da situação dos Krahô.

O principal alvo de Baiocchi - além, é claro, dos próprios Krahô - foi o sertanista Paulo Cezar da Silva, que, nos anos de 76 e 77, pertencia ao quadro funcional da Funai e trabalhava com aquela tribo no Norte de Goiás, integrando o Projeto Krahô. Desde aquele tempo, ficaram claras as divergências entre a equipe do Projeto Krahô e o delegado Baiocchi, um militar da Aeronáutica, já na reserva, que há muitos anos vem dirigindo a 7ª Delegacia da Funai como um feudo. Baiocchi acabou conseguindo a demissão dos antropólogos e sertanistas que trabalhavam com os Krahô. O Delegado nunca aceitara o trabalho renovador da equipe, que questionava os métodos da delegacia Regional, os quais eram responsáveis pela situação de miséria em que viviam as várias aldeias dos Krahô.

Mesmo após sua demissão, Paulo Cezar, o antropólogo Gilberto Azanha e outros colegas continuaram merecendo a confiança e a estima dos Krahô, incentivando, inclusive, a pedido das próprias lideranças tribais, um projeto de roças comunitárias, na aldeia de Galheiro. Foi por esse trabalho, que questionava diretamente a absoluta omissão da Funai chefiada em Goiás, por Baiocchi, que este ordenou a operação repressiva contra os sertanistas e os Krahô, em janeiro último. Essa operação foi acompanhada por uma campanha difamatória feita por Baiocchi na imprensa de Goiânia.

A propósito de todos esses fatos e da matéria publicada em março, o *Porantim* recebeu uma longa carta-relatório de Paulo Cezar - Infelizmente, não é possível publicar sua íntegra (que ocuparia mais de uma página do jornal). Mas reproduzimos a maior parte dela, exatamente os trechos mais importantes.

Apenas algumas informações adicionais: 1) O redator responsável pela matéria **Krahô - tensão. A culpa é de quem?** está desligado, a partir da presente edição, da equipe do *Porantim*. 2) A própria Presidência da Funai compreendeu a verdadeira situação dos Krahô, tendo solicitado à equipe de Gilberto Azanha que reassuma o trabalho e, se possível, estenda-o a todas as aldeias do grupo. Ao mesmo tempo, o delegado Baiocchi foi proibido de entrar na área dos Krahô. Aliás, os desmandos e a prepotência de Baiocchi parecem estar com os dias contados: está sendo criada uma Ajudância da Funai em Araguaína, no Norte goiano, que atenderá, entre outros povos, aos Krahô. Com isso, Ivan Baiocchi fica sem função. A 7ª Delegacia será transferida de Goiânia para Barra do Garças, MT. Baiocchi, passará a cuidar apenas de suas propriedades particulares, adquiridas durante o longo tempo em que dirigiu despotica-

mente a Delegacia da Funai em Goiânia.

O EDITOR

## A carta

(...) minha presença na aldeia foi comunicada ao chefe do posto, o índio Osmar Terena, pelo chefe da aldeia João Canuto, imediatamente após minha chegada, sendo apresentado como convidado da comunidade a participar da colheita do arroz. Ainda no primeiro parágrafo, o *Porantim* afirma que adentrei a área "conduzindo grande quantidade de bebidas alcoólicas"... Segue o periódico afirmando que fui "expulso da área indígena há quatro anos por seduzir índias de várias idades". É repugnante tal afirmação, desrespeitando totalmente minha pessoa como a própria comunidade indígena. Isso também foi afirmação do Delegado no início do conflito e que nodesenrolar dos acontecimentos quando seu "plano" fathou, apressou-se em negar ter-me atribuído tais práticas (ver jornais de 21 a 22/01).

No segundo parágrafo o periódico afirma que os Krahô "utilizam a erva em rituais religiosos, embora não sejam viciados". Os Krahô nunca utilizaram a maconha em rituais de qualquer tipo e soa policialesca a afirmação "embora não sejam viciados". (...) Os índios não foram neste incidente vítimas das pessoas referidas na matéria e sim, da atitude repressora imposta pelo Delegado via Polícia Federal e agentes da própria Funai, o que provocou no seio da comunidade a justa reação à violação de seu domicílio, reação que provou serem os índios protagonistas de seus destinos e donos de suas casas. (...)

No dia 13/01/82, no final da tarde, quando na aldeia o clima era de festa, fomos surpreendidos com a presença armada de três agentes federais e mais três agentes da Funai, enviados por ordem do Delegado Baiocchi, com a missão de me prenderem, no momento em que me encontrava na casa do chefe João Canuto. Todos os homens adultos da aldeia se dirigiram à casa onde estávamos, acompanhando os policiais e no momento em que o funcionário da Funai denominado Salim Costa deu-me ordem de prisão, antecipando a própria Polícia Federal, João Canuto reagiu energicamente não admitindo a atitude desrespeitosa, já que me encontrava em sua casa na condição de convidado e que era ele quem mandava em sua casa. Imediatamente os policiais foram desarmados, devido à extrema irritação que provocaram nos índios, e foram conduzidos para a casa da escola. Lá os índios apuraram que o funcionário Salim Costa fora enviado pelo Delegado até Araguaína para acompanhar os agentes federais até a aldeia não só com o intuito de me prenderem, como para averiguar a denúncia do próprio Baiocchi sobre o "plântio e tráfico de maconha". Tal denúncia provocou mais ainda a indignação dos índios e, após discussões, eles chegaram ao acordo de que os agentes policiais e da Funai deveriam ser conduzidos à roça para apurarem de fato o teor mentiroso da denúncia. Os agentes foram pernoitar no posto da Funai sem serem molestados pelos índios. Na manhã seguinte, após terem percorrido a roça e constatado a



Foto Renato Delarosa

inveracidade da acusação, os agentes da Funai Salim Costa e Lorival de Tal, chefe do P.I. Rio Vermelho (Krahô), foram avisados que sofreriam uma punição física por terem praticado ação nefasta contra a comunidade e que tal punição deveria em verdade ser aplicada na pessoa do Delegado. Foram em seguida conduzidos novamente à escola onde puderam ouvir das lideranças não só da aldeia do Galheiro como de duas outras aldeias, inúmeras, gravíssimas e verdadeiras acusações sobre os desmandos praticados pelo Delegado e seu agentes na área há muito tempo. Tudo isso foi gravado e as fitas se encontram de posse do chefe João Canuto. Na mesma tarde os agentes foram para Itacajá, inclusive dando carona para dois índios. Em nenhum momento a situação se configurou em termos de reféns. **NÃO HOUVE REFÊNS** de nenhuma espécie. (...)

Nisto tudo, não tive a menor participação, como querem os senhores quando dizem "Por trás dos índios, a figura nefasta do ex-funcionário Paulo Cezar, que durante todo o tempo escondeu seus reais intentos". Tal afirmação foi indubitavelmente urdida pelo Delegado, quando o "plano"

de prisão falhou, e o *Porantim* toma tal afirmação como sua, sem ao menos colocá-la em aspas. Nos dias 15 e 16/01/82, já se encontravam em Itacajá-GO, para "acalmar" os índios, contingentes da Polícia Militar de Araguaína, além de agentes da Polícia Federal e da Aeronáutica, ostensivamente armados, inclusive com metralhadoras, transformando Itacajá em verdadeira praça de guerra. Na aldeia o clima era de tensão e no dia 16/01/82, no final da tarde, finalmente chegou a comitiva enviada pelo Presidente da Funai. (...)

A comitiva trazia ordens expressas da Presidência da Funai para:

- 1 - reconhecerem aos índios o direito de receberem seus convidados.
- 2 - Convidava as lideranças indígenas e a minha pessoa para irmos a Brasília mantermos entendimentos.
- 3 - Dava garantia de liberdade física à minha pessoa.

(...) Quanto aos "500.000,00 cruzeiros em bebidas alcoólicas", é pura estupidez imaginar e afirmar tal coisa como verdadeira, exceto para o Delegado, com objetivos espúrios.

A falta com a verdade continua no parágrafo seguinte, com a afirmação

de que "houve um princípio de conflito entre os próprios Krahô, pois os mais conscientes manifestaram-se totalmente contrários à perambulação de Paulo por ali". O *Porantim* não só desconhece como faltou com o respeito às relações que mantenho com os Krahô desde 1976. Nos anos 76/77, trabalhei no Projeto Krahô (na época coordenado pelos antropólogos Gilberto Azanha e Maria Elisa Ladeira) nos setores de Saúde e Agricultura. Em dezembro/81, fui convidado para o início da colheita na aldeia do Galheiro e tinha como objetivo participar das discussões de como encaminhar os trabalhos de roça em 1982 em termos de colaboração, a pedido das lideranças das aldeias do Galheiro e da Cachoeira. Não houve, portanto, desacordo entre "os índios mais conscientes" quanto a minha permanência na área. Também constituiu-se em verdade que o posto da Funai "por pouco não foi destruído". Os índios somente estiveram durante o conflito neste local, na presença dos agentes da polícia e da Funai e da comitiva enviada de Brasília, que puderam atestar que não houve nenhuma atitude belicosa por parte dos índios".